

A linguagem *queer* e a desmistificação do monumental

El lenguaje queer y la desmitificación de lo monumental

Queer language and the demystification of the monumental

Djalma Thürler

Universidade Federal da Bahia

E-mail: djalmathurler@ufba.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9161-0300>

RESUMO:

A partir da ideia de que as funções de escrita acadêmica estão inscritas em práticas normativas e convencionais ou, para usar um termo mais adequado, “heterossexuais”, o autor articula a noção de escrita *queer* para a produção científica em artes. Por meio de uma abordagem metodológica que envolve a *scavenger methodology* (Halberstam), o conceito de “sublime no banal”, de Denilson Lopes (2007) e a “desaquietação” da colonialidade, este texto sugere formas de resistência à normalização dos discursos dominantes na sala de aula e reivindica um sentido de agência na e através da escrita, que, em última análise, funciona para silenciar vozes dissidentes.

Palavras-chave: *Teoria queer. Artes. Escrita acadêmica. Performance.*

RESUMEN:

A partir de la idea de que las funciones de la escritura académica están inscritas en prácticas normativas y convencionales, o para usar un término más apropiado, “heterossexuales”, el autor articula la noción de escritura *queer* para la producción científica en artes. A partir de un enfoque metodológico que implica la *scavenger methodology* (Halberstam), el concepto de lo “sublime en lo banal” de Denilson Lopes (2007) y el “desaquietação” de la colonialidad, este texto sugiere formas de resistencia a la normalización de los discursos dominantes en el aula y reclama un sentido de agencia en y a través de la escritura, que en última instancia funciona para silenciar las voces disidentes.

Palabras clave: *Teoría queer. Artes. Escritura académica. Performance.*

ABSTRACT:

From the idea that the functions of academic writing are inscribed in normative practices and cannot exist beyond the boundaries of conventional, or to use a more appropriate term, “straight” practices, the author articulates the notion of queer writing for scientific production in the arts. Based on a methodological approach involving scavenger methodology (Halberstam), the concept of “sublime in the banal”, by Denilson Lopes (2007) and the “desaqueação” of coloniality the text, by investing in new logics and innovative approaches, finds ways to resist the normalization of dominant discourses in the classroom and claims a sense of agency in and through writing, which ultimately functions to silence dissenting voices.

Keywords: *Queer theory. Arts. Academic writing. Performance.*

Artigo recebido em: 07/11/2022
Artigo aprovado em: 17/01/2022

A casa da minha mãe, ainda hoje, é um cenário realista de rara diversidade religiosa. Quem entra em seu pequeno apartamento em Niterói, no Rio de Janeiro, dá de cara com um pôster de Jesus Cristo, aquela imagem clássica do homem branco, de cabelos longos e olhos claros. Sobre um dos andares da estante da sala, uma pequena escultura de Buda sentado em um pires recheado de moedas. Na mesma estante, mas agora dentro de um nicho envidraçado, lemanjás e Nossas Senhoras Aparecidas de diversas texturas, tamanhos e origens convivem lado a lado. Na cozinha, em um lugar de destaque, um Preto Velho colado a um isopor grosso brilha em protagonismo. Em seu quarto, na cabeceira de sua cama de viúva, dois livros de páginas amareladas, *O Evangelho segundo o Espiritismo* e *O livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, servem de apoio para uma pequena imagem da Santa chilena Laura de Vicuña. Quando tínhamos algum problema inflamatório, ela punha, tal como *uma* pajé, um emplastro de farinha de mandioca sobre o abscesso e, quando uma gripe insistia em não ir embora, ela dava um passe, passava as mãos repetidas vezes, de cima abaixo, suscitando uma tal força mediúnica.

O que quero dizer com essa pequena narrativa introdutória é que o convívio com o estranho (uma fé estranha?), com o plural, com o diverso, “com múltiplas heranças, africanas, indígenas, europeias” (BORGES-ROSARIO; MORAES; HADDOCK-LOBO, 2020, p. 14) me acompanham desde a mais tenra idade. E, para mim, a diversidade sempre foi uma riqueza.

Assim como a noção de fé em nossa sociedade está inscrita em práticas normativas, certas funções de escrita e formas de saber não podem existir para além das fronteiras das práticas pedagógicas, também normativas, produtoras de “desvios e aniquilações” (RUFINO, 2021, p. 11). A partir disso, tentarei articular a noção de escrita *queer* para a produção científica, metodologia que utilizo ao tentar investir contra os estudos convencionais (ou, para usar um termo mais adequado, “heterossexuais”) e que, não por acaso, tenho tentado transmitir aos estudantes de graduação e pós-graduação com quem tenho trabalhado.

O corpo do meu trabalho artístico e científico não é coerente. Poder-se-ia ter dito de minha tese de doutorado, em resposta ao meu “projeto de ciência”, que se tratava de uma tese de ficção, ou mesmo de ficção científica, mas não de um projeto de ciência canônico, paradigma da ciência disciplinar. Igualmente, poder-se-ia dizer que este não é exatamente um artigo acadêmico ou que não é muito obediente às normas. E todas estas afirmações podem ser verdadeiras. É sobre a recusa de coerência, sobre a combinação daquilo que parece estar separado ou aparentemente não relacionado, que estamos a falar. E isto, creio, é um trabalho profundamente político, porque nos faz preparar para o envolvimento de forma inovadora e complexa, investir mais plenamente em lógicas alternativas, novas abordagens, novas formas de pensar sobre um problema para além dos “contratos de subordinação” (RUFINO, 2021, p. 8) coloniais.

Neste ensaio, de maneira metalinguística, assumo o papel de um catador (*scavenging*), em busca de uma prática de escrita que, nas palavras de Bourcier (2022, p. 188), aposta “numa total promiscuidade entre as disciplinas, de modo que elas se friccionem e não se estabilizem” e, nesse sentido, perturba os padrões de pensamento, os entendimentos tradicionais e normativos do que se espera de uma pesquisa acadêmica, bem como suas noções de prática e processo. Quero dizer sobre, falar a respeito da escrita *queer*, a partir de uma abordagem metodológica *queer*, que envolve a

scavenger methodology, como pensou Halberstam, mas também, o conceito de “sublime no banal”, de Denilson Lopes (2007) e a ideia que vimos apostando, de desaquecimento da colonialidade, “uma ação tática que desautoriza o ser e saber que se quer único” (RUFINO, 2021, p. 20).

A primeira nos interessa porque, ao recusar a compulsão acadêmica à coerência disciplinar, se utiliza de diferentes métodos, “cruzamentos, perspectivas e descolonizações” (BORGES-ROSARIO; MORAES; HADDOCK-LOBO, 2020, p. 11) para coletar e produzir informações, reunindo métodos e abordagens que são frequentemente enquadrados como estando em desacordo entre si, tais como dados empíricos e autoetnografia, estudos de arquivo, históricos e/ou retóricos (HALBERSTAM, 1998), um verdadeiro “ebó coletivo” (BORGES-ROSARIO; MORAES; HADDOCK-LOBO, 2020, p. 11) que tem como objetivo revelar que “a encruzilhada representa a maior possibilidade de abertura de caminhos” (BORGES-ROSARIO; MORAES; HADDOCK-LOBO, 2020, p. 11). Na carona de Karen Kopelson (2002), é uma forma de recusar as construções heteronormativas e lineares de tempo e espaço frequentemente usadas a serviço das narrativas dominantes, afastando-nos da nossa própria disciplinaridade a fim de promover o nosso estatuto como um campo de estudo interdisciplinar e gerador de conhecimento. Em nossa reapropriação, o catador de Halberstam se assemelha à bixa pegadora¹, que cata, aquenda os *boys* nas ruas e nas redes, estamos a falar, portanto, na catadora.

A segunda, na esteira de Lopes (2007, p. 43), marcaria a produção da escrita *queer* no contexto da contracultura e do desbunde, “distante de qualquer possibilidade iconoclástica, de virulência transgressora, mesmo que paródica [...] que prefere apostar mais na sutileza, na leveza, nas palavras que não canso de repetir de Ana Chiara (1999): sem muito desespero, que é inútil, sem pieguice, que é meio de mau gosto, sem cinismo, porque já basta a desrazão, mas com suave ironia para poder suportar o peso”.

A terceira “considera toda e qualquer prática de saber, ação política e poética contrária ao sistema de dominação do ocidente-europeu que aportou nas margens de cá e se alastra até os dias de hoje” (RUFINO, 2020, p. 124) e a sua desprogramação seria inevitável. Mas não de qualquer modo.

A desaquecimento como possibilidade de existência e prática do sujeito se pretende um projeto contradisciplinar, antiessencialista, “de crítica ao discurso universitário, à construção dos objetos de saber e, sobretudo, à disciplina” (BOURCIER, 2022, p. 188), comprometido com a parcialidade, com o

deboche e com o duplo sentido, com a palavra artilosa, “híbrida, intertextual, transemiótica, multi-midiática” (LOPES, 2007, p. 30), ao invés de um conjunto de lógicas que almejam a difícil tarefa de organizar diferentes formas de conhecimento em ordens hierárquicas, baseadas em valores éticos, práticos e epistemológicos concorrentes. Muitos dos seus esforços atuais procuram mostrar o difícil, mas urgente trabalho da desaquecimento, o de procurar minar a lógica subjacente à metodologia baseada na racionalidade, estabilidade e coerência do método científico, expondo a sua qualidade performativa.

Em boa medida, desaquecer a colonialidade estaria para os pesquisadores *queer* como a ideia de desobsediar estaria para os que se dedicam às pedagogias da encruzilhada (RUFINO, 2020). Se desobsediar, para Rufino, equivale ao sentido empregado nas umbandas e macumbas brasileiras, “como ação de quebra de força, quebra de demanda, libertação de efeitos de terror e confusão” (RUFINO, 2020, p. 125), desaquecer, em companhia de outros estudos das desaprendizagens (THÜRLER, 2018), como o (trans)feminismo, o antirracismo e decoloniais, pode significar escapar, fugir, fazer fugir, desfazer o babado e ofertar um padê, ou seja,

comprometer-se com a luta pelo fim das opressões. Significa narrar as histórias dos heróis que lutaram pela dignidade e libertação de cada pessoa neste país. É confessar que as condições adversas são superáveis quando a coletividade dos vivos se une na profissão da memória dos ancestrais e promessa de um mundo igualitário aos que nascerão. Preparar um padê é fazer um convite à alimentação comunitária. Significa convidar a comunidade dos mortos, dos vivos e dos que nascerão à mesa. Alimentação simbólica, ritual e real que renova, rearticula, fortalece e compromete os participantes com a vida comunitária (BORGES-ROSARIO; MORAES; HADDOCK-LOBO, 2020, p. 13).

Entendemos que se a teoria *queer* problematiza processos socioculturais e instrumentos de regimes regulatórios de saber e de verdade, que limitam nossa compreensão sobre a provisoriabilidade e instabilidade da categorização de sexo e gênero, a escrita *queer* também se sustentaria sobre esses eixos, fazendo com que a provisoriabilidade e a instabilidade condicionassem entendimentos alternativos da metodologia em algumas formas lúdicas e produtivas que desafiarão o *status quo*, subvertendo, desestabilizando e perturbando as normas metodológicas que atualmente regem como a pesquisa acadêmica deve ser realizada. Nesse sentido, pensando com Bourcier (2022, p. 187), o *queer* neste texto quer ser entendido como “práticas de ressignificação e de

recodificação anti-hegemônicas e performativas cujo objetivo é definir espaços de resistência aos regimes de normalidade, [ou seja] as ferramentas de desconstrução *queer* permitem que nos livremos do peso dos discursos disciplinares”.

A escrita *queer*

Ao tentar pensar através desses eixos teóricos num contexto mais amplo, percebe-se uma lacuna (ou seria omissão?), seja na literatura acadêmica, seja nas aplicações práticas sobre os campos de escrita acadêmica *queer*. Por isso nos debruçamos aqui, na tentativa de pensar em como operam essas formas de composição, olhando para o centro da escrita como um local potencialmente performativo.

Ao empregar um quadro interdisciplinar, tanto dentro como fora das fronteiras do centro de escrita, esperamos criar espaço em que estudantes e educadores “maus sujeitos”² possam encontrar formas de resistir à normalização dos discursos – cujo objetivo é consumir e reproduzir os produtos discursivos da cultura dominante na sala de aula – e reivindicar um sentido de agência na e pela escrita, já que pouco tem sido dito sobre o papel em resistir, (re)produzir, e/ou permanecer ambivalente em relação às pedagogias normalizadoras da escrita, que, em última análise, funcionam para silenciar as vozes dissidentes.

Ao permitir às estudantes pensar além das várias estruturas de privilégio, poder e opressão, pode ser que a academia, em geral, abra espaço para a expressão de discursos sexuais não normativos, afinal, é na produtividade acadêmica que o discurso encontra o seu poder³. Por outras palavras, os sujeitos são produzidos através do discurso e o “regime epistêmico heterossexual” (BOURCIER, 2022, p. 188) é poderoso porque produz subjetividades e disciplina sujeitos em certas formas de pensar e agir. Apesar do poder da heteronormatividade em desvalorizar e tornar as subjetividades *queer* invisíveis, o “que leva logicamente à exclusão dos sujeitos *queer* e dos objetos de estudo *queer* do campo universitário e do saber em geral” (BOURCIER, 2022, p. 188), o discurso nem sempre produz sujeitos reprimidos, momentos de subversão podem e existem, mas é preciso defender formas de combater tais poderes normalizadores. Uma delas é ensinar, aprender e valo-

rizar as vozes de autores *queer* do passado. Quando estudantes (re)conhecem esses discursos, estão, de certa forma, conhecendo a si próprios, examinando como normas culturais dominantes sobre orientação sexual molda(ra)m o nosso sentido de existência.

Se a sala de aula e as estudantes que nela entram são enredadas nos discursos (hetero)normativos, que são reforçados à medida que são ensinados que escrever significa assimilar ao *status quo* sexual, a escrita *queer*, querera dizer de uma contrapedagogia, nos moldes de Segato (2018), às convenções normativas de ciência, de ensaio ou de artigo, que perturbe algumas noções como as de originalidade, linearidade e coesão, além da noção de um único autor, um sujeito único.

Enquanto muitos da área afirmam adotar uma abordagem social, os professores ainda esperam frequentemente que seus alunos produzam aquilo que é considerado como textos completamente “originais” – textos que fazem uma distinção clara entre trabalho inventado e emprestado, entre o que é único e o que é derivado ou de apoio. Além disso, esta separação destacada é frequentemente construída como uma hierarquia entre o processo de escrita: o melhor trabalho das escritoras é entendido como sendo o seu texto original com citações e materiais emprestados situados como apoio útil, mas menos valioso” (JOHNSON-EILOLA; SELBER, 2007, p. 376, tradução nossa).⁴

O argumento que buscamos perseguir segue na lógica inversa dessa citação e aposta que a escrita *queer*, ao valorizar práticas de *assemblage*, *patchwriting*, de fragmentação, ruptura, recorte, justaposição, sobreposição, mudança de escala e integração com outros elementos – que podem agora ser encontradas em muitas formas de discurso –, reconhecem essas características, não necessariamente como debilitantes, como faz pensar a literatura acadêmica tradicional, mas “num desejo de revalorização da narrativa como forma de se aproximar do público, de se aproximar do mundo contemporâneo” (LOPES, 2007, p. 42). Para a escrita *queer*, a contingência inerente não é algo a ser facilmente compreendido; é algo a ser jogado, desafiado e confundido, experimentado e transformado por sujeitos “socialmente ativos que sejam capazes de trabalhar tanto pela estabilidade como pela mudança” (JOHNSON-EILOLA, 2005, p. 28) e, nesse sentido, enfatiza o envolvimento de estudantes, ativa e criticamente, em uma rede que compreende leitura, escrita, pensamento e discurso público em torno de tópicos políticos pertinentes, desafiando-os a pensar nas formas como a leitura e a escrita podem produzir ideias e/ou mobilizar a ações de desaprendizagens.

Johndan Johnson-Eilola e Selber, em seu texto “Plagiarism, Originality, Assemblage” (2007), dão um exemplo do que pensam sobre a estratégia da remixagem ao descreverem uma visita que Johndan fez à Texas Tech University, em 2007. Peter England mencionara que tinha lido recentemente o livro escrito por Johndan, atualmente professor da Clarkson University, *Datacloud: Toward a New Theory of Online Work* (2005). O último capítulo do livro é, ele próprio, um remix baseado em fragmentos de texto e imagens de outras fontes. Peter England respondeu a este capítulo com a sua própria remixagem: ele cortou as páginas do texto impresso e depois reorganizou, reeditou de forma afetiva as citações que Johndan tinha destacado do seu contexto original. Agora reordenado, forneceu um novo texto remixado, que se tornara um comentário performativo de sua escrita acadêmica.

O remix de Peter England fornece um ponto de entrada útil para as possibilidades de escrita *queer*, que, em nossa perspectiva, estaria ligada às ideias do performativo, tal como adotado por Ferál (2008). Nesse caso, estaríamos a falar de uma escrita-acontecimento que valorizaria o ato de escrever, que “performativiza a palavra” (TORO, 2010, p. 159) em detrimento do mero registro do significante direto. Ou seja, além de oferecer novas formas importantes de pensar crítica e produtivamente sobre o que significa escrever, sobre o que significa ler, e sobre o que valorizamos enquanto textos em performance, também é uma operação que nos pode levar a lugares estranhos, lugares onde as possibilidades de escrita se deslocam para mais além da norma do que podemos sequer imaginá-las.

Assegurar a disponibilidade desse ambiente aberto onde estudantes são autorizados a assumir tais riscos pessoais é, na essência, uma prática *queer*, que, até há pouco tempo, tinha permanecido desconhecida em contextos institucionais mais convencionais.

As práticas de escrita *queer* e a dissipação da imagem romântica do escritor como um gênio solitário

Para Rosenfeld e Guinsburg (2002), o culto do gênio original, o poder de criação artística e o seu criador, começam a colocar-se com Edward Young e Edward Wood⁵. Segundo Young, “pode-se dizer que um original é de natureza vegetal; surge espontaneamente da raiz vital do Gênio; *germina*, não é feito. Imitações são frequentemente uma espécie de manufatura, produzidas por uma tal mecâ-

nica, arte e trabalho, a partir de materiais preexistentes, não próprios delas” (YOUNG, 1759, p. 60 *apud* RODRIGUES, 2007. p. 4, grifos nossos), ou seja, essa perspectiva lança luz sobre o mito do autor que transforma a pureza de sua expressão em palavras derramadas na página,

trata-se de um verdadeiro demiurgo, de uma força cósmica, inata, independente da cultura, que decifra de maneira intuitiva e direta, o “livro da natureza”, criando titanicamente sob o impacto da inspiração. A sua criação é fruto da pura espontaneidade. Não pode nem deve ser retocada, torneada e acabada, por critérios artesanais de perfectibilidade. Ela surge toda e inteira, na completude da expressão autêntica, sincera. Assim, o valor da obra passa a residir em algo que não está nela objetiva e formalmente, e sim subjetivamente no seu autor – a sinceridade (ROSENFELD; GUINSBURG, 2002, p. 267).

Digo assim, porque, embora as estudantes trabalhem e vivam numa cultura remix, a pedagogia da escrita tradicional nem sempre valoriza as práticas discursivas dessa cultura, especialmente quando se trata de produzir trabalhos escritos para contextos acadêmicos disciplinares. As razões para estas opiniões são historicamente determinadas e ligadas, pelo menos em parte, a noções relativamente tradicionais de autoria e criatividade, por exemplo, à ideia do gênio solitário e criativo, tal como expus no início desta seção. Por outras palavras, pelo menos um conjunto de forças sociais sugere aos alunos que a utilização de citações, paródias e intertextualidades, tal como pensadas por Hutcheon (1991) seriam menos valorizadas do que o texto original, uma situação que pode encorajá-los a esconder as suas fontes.

Mas o que aconteceria se disséssemos às estudantes que o seu objetivo não é criar novos textos, originais, únicos, em que se estabelece uma hierarquia onde o texto original tem a primazia e o plágio é, frequentemente, o resultado dessa hierarquia, mas, sim, remixar outros textos, encorajando-os a “desmistificar o grandioso, o monumental” (LOPES, 2007, p. 44) e tornar explícitos os seus empréstimos e citações, suas “elzas”⁶, de forma a resolver problemas sociais concretos por meio de um conhecimento alternativo? Sem dúvida, um movimento que dá alguma ênfase ao deslocamento dos fins retóricos, que se preocupa menos com palavras ou imagens originais e valoriza a resolução de problemas com a montagem de peças textuais, fragmentos e citações. Nessa reconcepção, as *assemblages* não distinguem entre quais partes se supõe originais e quais foram encontradas e catadas noutro lugar. A bixa catadora articula, remenda, costura de modo a fazer

unidade de elementos díspares, de fontes diversas, uma ligação que não seria necessária para todo o sempre, porque as *assemblages* estão interessadas no que funciona, no que tem impactos sociais no momento oportuno em que são criadas.

Para os nossos propósitos, o que entendemos por *assemblage* se assemelha ao seu conceito de arte estranha, especialmente ligada aos artistas surrealistas, que frequentemente combinavam objetos improváveis para criação artística. Remonta às construções cubistas tridimensionais que Pablo Picasso começou a fazer a partir de 1912, mas amplamente utilizada nas décadas de 1950 e 1960, sobretudo depois que foi incorporada pelo pintor e gravador francês Jean Dubuffet para a exposição “The Art of Assemblage,” no Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova York, em 1961. Quando aplicados à produção textual, dizemos que são textos construídos explicitamente por uso de conceitos como intertextualidade, paráfrase e citação, por exemplo, e se alimentam do embaçamento da fronteira entre essas autorias. Essa nova tessitura é cheia de sinuosidade e “as noções de originalidade (estar na origem de...) e mesmo de criação (fazer a partir do nada) esfumam-se nessa nova paisagem cultural” (BOURRIAUD, 2009, p. 8), “onde o texto é tomado como um *readymade*” (VILLA-FORTE, 2015, p. 15).

Se como sugeriu Shari Stenberg (2006), o discurso da margem raramente é uma ameaça ao conhecimento convencional e às estruturas patriarcais e coloniais nas quais a academia se sustenta, porque é rotineiramente ignorado, desacreditado, ou simplesmente absorvido e marginalizado, afinal de contas, os olhos *coloniais* não querem nos conhecer, “eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito” (ANZALDÚA, 2000, p. 229), por outro lado, contribui para transformar a escrita canônica, o discurso público e, claro, suas abordagens que reafirmam a estrutura heteronormativa implícita (e explícita) que existe em grande parte da academia, esse sistema “cultural e político de matriz branca, eurocêntrica, heteronormativa, cisgênera” (NASCIMENTO, 2019, p.11) que sustenta, também, a ciência brasileira.

Não à toa, nosso objetivo tem sido o de rever e revisitar o significado de produção escrita que uma metodologia *queer* pode tornar possível. Por isso, consideramos um imperativo contrapedagógico investir no que este giro *queer* pode significar, particularmente em relação à formação de nossas estudantes como escritoras, afinal, a teoria *queer* é vista como forma de mobilizar subversões, como práticas que inscrevem significado, tornando certos corpos e formas dissidentes de fazer visíveis,

uma força que deriva de sua resistência à definição, mesmo que dê origem a perguntas difíceis sobre se podemos falar de algo que é distintamente “teoria *queer*” (SULLIVAN, 2003). A hesitação entre algumas estudiosas em fixar significados estáveis na teoria *queer* e, por implicação, na escrita *queer*, é um debate central em torno da própria definição do termo e enfoca sua importância teórica e sua potencial utilidade política, um oxigênio para manter vivos os significados, tanto atuais quanto imprevistos, associados ao *queer*.

A escrita *queer*: subversiva e interdisciplinar

Essas atitudes desafiadoras, sem dúvidas, se tornaram a sensibilidade definidora da teoria, da política e da estética *queer*. Sua teorização, para muitos, visa perturbar e politizar todas as relações presumidas entre sexo, gênero, corpos, sexualidade e desejo, mas não apenas, conforme Rooke (2010 *apud* RANNIERY, 2016, p. 3) esclarece:

os estudos *queer* não se limitam a abordar subjetividades sexuais e de gênero, mas a discutir sobre qualquer forma de normatividade, incluindo os processos de pesquisa, contestar a gramática e a linguagem nas quais formas de fazer investigação são instituídas e adquirem inteligibilidade é desde já um campo de contestação *queer*.

Significa, então, interrogar as conclusões, encontrar novas formas de pensar sobre a invenção da natureza (SEGATO, 2018). Trata-se de mudar os padrões de pensamento e as formas de saber que produzem o “CISstema colonial moderno de gênero” (NASCIMENTO, 2021, p. 17). Não se trata simplesmente de dizer aos sexistas, por exemplo, que as suas afirmações sobre o gênero são “falsas”, mas criar uma fissura nas ideologias dominantes, colocar uma chave inglesa na roda do pensamento convencional. Particularmente para os estudiosos das desaprendizagens (THÜRLER, 2018; RUFINO, 2021), o uso da palavra “cistema” é aqui bastante significativo, sinalizando que todas as vidas, todas as áreas de estudos, todos os saberes, todos os limites são “cistêmicos” e, portanto, requerem perturbações. Uma forma, e talvez a mais comum, de chegarmos a saber é aprendendo como os “cistemas” funcionam e depois pensando dentro deles, com uma combinação de raiva pontiaguda, teorização acadêmica sofisticada e prazer na perversidade *camp*⁷, recursos primordiais para a sobrevivência *queer*. Obviamente, o “cistema” já predetermina a lógica, formula os limites do que é possível pensar. Mas, e se pensássemos de outra forma? E se, em vez de pensarmos “cistematicamente”, pensássemos de forma menos obediente, ainda menos lógica?

THÜRLER, Djalma. A linguagem *queer* e a desmistificação do monumental. PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41723>>

Nesse sentido, argumentamos que a bixa catadora, ao reconhecer as interdependências entre os movimentos sociais e as teorias acadêmicas e se questionando como pode pensar, agir e escrever sobre política na academia, complexifica e aprofunda alguns aspectos da pesquisa de duas maneiras significativas: a primeira, interrompendo as formas de saber que parecem dominantes, tidas como certas, ou óbvias; a segunda, valorizando a interdisciplinaridade, que, desafiando os pressupostos implícitos num quadro disciplinar singular, espera se beneficiar de uma reflexão para além, através e entre as linhas da disciplinaridade, encorajando estudantes a assumir riscos pessoais e acadêmicos por meio da escrita.

A abordagem de um fenômeno social por múltiplos e variados campos do saber não só é contrária à noção acadêmica de estudo disciplinar como a única forma legítima de articular conhecimentos que enquadra a forma como estudantes escrevem, mas, também, a forma como pensam, compreendem e se envolvem com o mundo e as suas identidades, como encoraja estudantes a pensar em como a sua própria posição cultural e sociopolítica na sociedade pode influenciar as suas produções.

Ou seja, queremos argumentar que estudantes escritoras podem, simultaneamente, explorar a condição humana da perspectiva de sua própria *queerness*, em uma evidente “opção pela experiência mínima, cotidiana, não gloriosa de cada dia” (LOPES, 2007, p. 42) e se comprometerem, não apenas a aprender a interromper, mas a ler de forma diferente, a pedir mais textos, a pedir mais do mundo do que as funções lineares e normativas permitem.

Para pensarmos na escrita *queer* como um espaço potencialmente subversivo, empregando o referido quadro interdisciplinar, este ensaio convida os leitores a experimentar lógicas interdisciplinares (seriam lógicas indisciplinadas?) que contradizem, desafiam os cânones acadêmicos de saber, no lugar de apenas reproduzir estilos de escrita acadêmica hegemônicos adequados, o que, para Bourcier (2022, p. 191), “pode ser definido como uma intervenção política e cultural em resposta a práticas institucionais que privilegiam saberes heterocentrados que estão longe de afetar somente o campo da sexualidade ou os ‘homossexuais’”. Estaríamos, pois, a falar da performance da escrita *queer* que, em sua “dimensão política, ética, estética e de prática do saber comprometida com a

diversidade das existências e das experiências sociais” (RUFINO, 2021, p. 12), confronta o cânone em uma prática que encoraja o reemprego criativo e o constante *hackeamento* da linguagem. Em outras palavras, queremos entender o *queer*

como un adjetivo y como movimiento, acción... como un verbo: *queerizar* la escuela, la clase, el conocimiento, las metodologías (y los movimientos sociales, el espacio público y un largo etcétera). Hackear la normalidad, disolver los binarismos, y articular alianzas y redes. No obstante, si la pedagogía *queer* está comprometida con la práctica radical de deconstruir la normalidad, esto significa que no puede necesariamente reducirse a enseñar para o sobre personas *queer* (Britzman, 1995). Podemos *queerizar* la enseñanza en muchos momentos: **interviniendo en el lenguaje**, hablando en femenino plural inclusivo como crítica al uso del lenguaje sexista en la escuela; hablando de autoras negras, de feministas menos conocidas, de aportaciones de maricas, bolleras, bis, trans*, gente no binaria, *gender queers* etc. (TRUJILLO, 2022, p. 114-115, negritos nossos).

Decerto, ao passo que determinados campos do conhecimento disciplinares ainda desaprovam, ou resistem ativamente, à inclusão de narrativa pessoal na escrita acadêmica, tais experiências são cruciais para descobrir a forma como uma estudante conhece o mundo. Bastaria pensar nos textos que não teríamos disponíveis para ler se os alertas sobre coesão, sobre a utilização de demasiada narrativa pessoal, fossem ouvidos. Desde os anos setenta que estudiosas feministas têm vindo a defender e a explorar o potencial e o poder da narrativa pessoal como parte da forma como se faz o saber-fazer (PINHO; OLIVEIRA, 2012).

O diálogo interdisciplinar, ou as “escrituras produzidas a partir dessas encruzilhadas”, como pensou Luiz Rufino (2019), abre espaço nas discussões acadêmicas para mostrar a forma como as nossas identidades atuam enquanto estruturas organizadoras que moldam a forma como vemos o mundo e, ultimamente, os argumentos que fazemos sobre ele. Este *queering* traz à luz não só a forma como é possível conhecer o mundo, mas, também, quem é permitido conhecer e em que circunstâncias e, “depois que se liberta a escrita, tal como o vento de lansã, as folhas que se espalham serão colhidas a partir dos encontros quase sempre não programados” (BORGES-ROSARIO; MORAES; HADDOCK-LOBO, 2020, p. 14).

Mas não se animem tanto, não trata a escrita *queer* de uma guerra contra o cânone da linguagem acadêmica ou de uma anulação da experiência canônica, afinal de contas, as instituições acadêmicas continuam a estar enredadas em valores (hetero)normativos e sem apoio institucional, sem uma política de acessibilidade para estudantes historicamente marginalizados, a produção acadê-

mica pode se tornar um campo minado, não um lugar empático para uma estudante *queer*, simultaneamente o outro e o invisível, sujeito a uma carga de trabalho emocional de uma ordem de grandeza diferente da maioria privilegiada.

Talvez, ao procurar criar o seu potencial subversivo, a escritora *queer* não deva rejeitar inteiramente os códigos de tradição, uma vez que os efeitos negativos para uma estudante que assume tal risco seriam muitos, sobretudo uma nota de reprovação. Pode ser necessário que dançemos para dentro e para fora, espécie de “coreografia da descolonialidade” (BORGES-ROSARIO; MORAES; HADDOCK-LOBO, 2020, p. 14), em um exercício híbrido complexo das duas abordagens, uma terceira margem do rio que encoraja estudantes a invocar dialetos como parte de introduções e descrições de experiências pessoais, colmatando a lacuna entre a língua “doméstica” ou “privada” e a língua “acadêmica” de forma a tornar seu texto legível para uma comunidade acadêmica mais vasta. Tal estratégia pode muito bem tornar-se necessária para acomodar (sem domesticar) as contestações da linguagem que têm e irão redesenhar os contornos da escrita *queer*.

Através de discursos combativos, abordagens que valorizam as histórias LGBTQ+ – já que “um dos métodos mais engenhosos desse grande sistema de dominação [a colonialidade] é aniquilar o outro pela produção de esquecimento” (RUFINO, 2021, p. 23) – e a utilização da escrita *queer* como um espaço interdisciplinar e pessoal, talvez as vozes *queer* (e, por sua vez, todas as vozes minorizadas) encontrem espaços seguros de interação dentro da academia para pensar de forma disruptiva, não normativa e contraditória à descentralização dos pressupostos culturais dominantes, que seria uma das implicações da teoria *queer*. Por isso, não posso deixar de pensar nas “Reflections on Queer Studies and Queer Pedagogy”, de Halberstam sobre a valorização do *queer* na academia, afinal,

a responsabilidade de não ter uma casa institucional, claro, é que o estudo da sexualidade é central para nenhuma disciplina ou programa único e, de fato, pode ser ensinado em todo o lado e em nenhum lugar simultaneamente. Contudo, a vantagem da abordagem furtiva ao estudo da sexualidade é que continua a ser multidisciplinar, um velhaco promíscuo num campo de monogamistas concentrados (HALBERSTAM, 2003, p. 362, tradução nossa).⁸

E se Adrienne Rich (1997) estiver certa que “o ato de olhar para trás, de ver com novos olhos, de entrar num texto antigo a partir de uma nova direção crítica – é para as mulheres mais do que um capítulo da história cultural: é um ato de sobrevivência” (RICH, 1997, p. 339, tradução nossa)⁹, então

THÜRLER, Djalma. A linguagem *queer* e a desmistificação do monumental.
PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023
Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41723>>

pode ser útil pensar que a bixa catadora, velhaca promíscua, olha para trás, mas, reconhece o presente e olha para a frente simultaneamente, criando relações alternativas ao tempo e ao espaço, como uma forma de tornar relações alternativas visíveis, olhando para nossas comunidades *queer* nas sala de aula enquanto elas “dança[m], canta[m], torce[m] ou reza[m]” para Santo Antônio e Oxum – como me ensinaram minha mãe e Caio Fernando Abreu – enquanto promove[m] pensamento.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Trad. Édna de Marco. **Rev. Estudos Feministas**, ano 8, n. 1, p. 229-236, 1º trimestre 2000.
- BORGES-ROSARIO, F.; MORAES, M. J.; HADDOCK-LOBO, R. Toco, farofa e marafo. *In*: BORGES-ROSARIO, F.; MORAES, M. J.; HADDOCK-LOBO, R. (org.). **Encruzilhadas filosóficas**, Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020. p. 11-14. Kindle.
- BOURCIER, S. **Queer Zones**. Trad. Henrique Provinzano Amaral, Thiago Mattos. São Paulo: Crocodilo; n-1 edições, 2022. (vol. I).
- BOURRIAUD, N. **Pós-produção**: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e a subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERÁL, J. Por uma poética da performatividade: o teatro performativo. **Sala Preta**, v. 8, n. 1, p. 97-110, 2008.
- HALBERSTAM, J. **Female Masculinity**. Durham: Duke University Press, 1998.
- HALBERSTAM, J. Reflections on Queer Studies and Queer Pedagogy. **Journal of Homosexuality**, v. 45, n. 2, p. 361-364, 2003.
- HUTCHEON, L. **Poética do Pós-Modernismo**: história, teoria e ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- JOHNSON-EILOLA, J. **Datacloud**: Toward a New Theory of Online Work. Cresskill: Hampton Press, 2005.
- JOHNSON-EILOLA, J.; SELBER, S. A. Plagiarism, Originality, Assemblage. **Computers and Composition**, v. 24, n. 4, p. 375-403, 2007.
- KOPELSON, K. Dis/Integrating the Gay/Queer Binary: Reconstructed Identity Politics for a Performative Pedagogy. **College English**, v. 65, n. 1, p. 17-35, 2002.
- LOPES, D. **A delicadeza**: estética, experiência e paisagens. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Finatec, 2007.
- NASCIMENTO, L. C. P. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- NASCIMENTO, T. **Cuírlombismo literário**. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- RICH, A. When We Dead Awaken: Writing as Revision. *In*: BARTHOLOMAE, D.; PETROSKY, A. **Ways of Reading**: An Anthology for Writers. New York: Bedford; St. Martin's, 1997. p. 520-533.

- RANNIERY, T. No meio do mundo, aquendar a metodologia: notas para queerizar a pesquisa em currículo. **Práxis Educativa**, v. 11, n. 2, p. 1-20, maio-ago. 2016.
- RODRIGUES, A. A. **Tradução de "An Essay on Genius" (1774)**. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- ROSENFED, A.; GUINSBURG, J. Romantismo e Classicismo. *In*: GUINSBURG, J. **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 261-274.
- RUFINO, L. **Vence-demanda**: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.
- RUFINO, L. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- RUFINO, L. Sabença jongueira: inscrição de vida como palavra de mundo. *In*: MEDEIROS, C.; GALINDO, V. **Experimentos de Filosofia Pós-Colonial**. São Paulo: Ed. Filosófica Politeia, 2020. p. 123-129.
- SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, jan.-jun. 2007.
- SEGATO, Rita. **Contra-pedagogías de la crueldade**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.
- SULLIVAN, N. **A Critical Introduction to Queer Theory**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2003.
- STENBERG, S. Making Room for New Subjects: Feminist Interruptions of Critical Pedagogy Rhetorics. *In*: RONALD, K. J. S. (ed.). **Teaching Rhetorica: Theory, Pedagogy, Practice**. Portsmouth: Boynton; Cook, 2006. p. 131-146.
- PINHO, A. F.; OLIVEIRA, J. M. de. O olhar político feminista na performance artística autobiográfica. **ex æquo**, n. 26, p. 57-76, 2012.
- THÜRLER, D. Sabedoria é desaprender – notas para a construção de uma política cultural das margens. *In*: SILVA, G.; PUGA, L.; RIOS, O. (org.). **Alfabetização política, relações de poder e cidadania**: perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018. p. 11-23.
- THÜRLER, Djalma. And Tell Sad Stories of the Death of Queens: o camp e a metáfora da vida como teatro. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 23, n. 44, p. 177-191, set.-dez. 2021
- TORO, F. D. O que é performance? Entre a teatralidade e a performatividade de Samuel Beckett. Tradução de Edécio Mostaço. **Revista Urdimento**, v.1, n. 15, p. 149-172, out. 2010.
- TRUJILLO, G. El feminismo queer es para todo el mundo. Madrid: Catarata, 2022.
- VILLA-FORTE, L. N. **Escrever sem escrever**: a literatura de apropriação. 2015. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2015.
- VIP, A.; LIBI, F. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. São Paulo: Editora do Bispo, 2006.

NOTAS

1 Segundo Thiago Ranniery (2016), as expressões “bixa pegadora”, aquendar, desaquendar, utilizadas ao longo deste ensaio pertencem ao léxico do pajubá: “Essa linguagem tem seu léxico produzido no Brasil nos fluxos transatlânticos das línguas nagô e yorubá, e outras línguas de matizes africanas mescladas ao português. Nesse dialeto, certamente não oficial, talvez em virtude mesmo da sua ininteligibilidade aos quadros oficiais da linguagem, formas de vidas que escapam a estreiteza da hegemonia heterossexual, o produziram como um modo de estabelecer comunicações e de produzir laços de comunidade” (RANNIERY, 2016, p. 3).

2 Para Bourcier (2022, p. 188), o mau sujeito “seria a reação ao sujeito soberano, que procura controlar e dominar intencionalmente a ação e a linguagem”.

3 Embora existam espaços acadêmicos onde as linhas de investigação sexual podem ser abordadas, elas são frequentemente relegadas para algumas categorias disciplinares distintas (a maioria das vezes encontradas nas humanidades e, ocasionalmente, nas ciências sociais), oferecendo assim inclusão para uns enquanto excluem outros. Nessa perspectiva, quem, por exemplo, teria acesso e capacidade de ler a “História da Sexualidade”, de Foucault num ambiente de sala de aula? A menos que estudantes e/ou educadores procurem ativamente formas de incorporar temas sobre sexualidade e gênero na escrita, os pressupostos heteronormativos continuarão a ser inquestionáveis em outras instituições e disciplinas acadêmicas.

4 No original: “While many in the field claim to take a social approach, teachers still often expect their students to produce what are considered to be thoroughly “original” texts – texts that make a clear distinction between invented and borrowed work, between that which is unique and that which is derivative or supportive. In addition, this highlighted separation is frequently constructed as a hierarchy in terms of the writing process: The best work of writers is understood to be their original text with citations and borrowed materials situated as useful but less valuable support.”

5 Segundo os autores, a questão do culto do gênio original estaria primeiramente presente em *Conjecturas sobre a Composição Original*, de Edward Young e em *Ensaio sobre o Gênio Original*, de Edward Wood.

6 S.f. Roubo (VIP; LIBI, 2006, p. 53).

7 Sobre esse assunto recomendamos a leitura de: THÜRLER, Djalma. And tell sad stories of the death of queens: o camp e a metáfora da vida como teatro. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 23, n. 44, p. 177-191, set.-dez. 2021.

8 No original: “The liability of not having an institutional home, of course, is that the study of sexuality is central to no single discipline or program and in fact may be taught everywhere and nowhere simultaneously. However, the advantage of the stealth approach to the study of sexuality is that it remains multidisciplinary, a promiscuous rogue in a field of focused monogamists.”

9 No original: “the act of looking back, of seeing with fresh eyes, of entering an old text from a new critical direction—is for women more than a chapter in cultural history: it is an act of survival.”